

Cenas inclusivas: relato das práticas musicais com um aluno com Síndrome de Down

Comunicação

Bruna Hedler

FURB

brunaacademic@outlook.com

Regina Fink Schambeck

UDESC

regina.finck@udesc.br

Resumo: O texto apresenta relatos de práticas musicais inclusivas com a presença de um aluno com Síndrome de Down. As atividades foram desenvolvidas através de projeto extracurricular pertencente a uma Escola Municipal de Ensino Fundamental. Em forma de relato de experiência, o texto foi estruturado com base nos registros da professora de música que se utilizou de vídeos e diários de classe que continham descrições das práticas musicais. A partir destes registros buscou-se refletir, através da transcrição de excertos, as dificuldades para promover a inclusão de crianças com deficiência e, principalmente, compartilhar os resultados do trabalho, evidenciando a importância das aulas de música no desenvolvimento cognitivo e na promoção da inclusão deste aluno na comunidade escolar.

Palavras chave: Musicalização; Inclusão; Síndrome de Down.

Introdução

O texto em forma de relato de experiência procura fazer uma reflexão sobre os processos de musicalização de um aluno com Síndrome de Down e a sua inclusão nas atividades de Educação Musical realizadas em projeto extracurricular de música. Para realizar o trabalho em sala de aula foi preciso primeiramente conhecer as características da síndrome (PUESCHEL, 1993). Paralelamente, foram mapeados trabalhos na área de educação musical, cuja a temática abordasse o aluno com a síndrome e o desenvolvimento musical (GARCIA, 2002; REIS, COSTA, CONCEIÇÃO, 2003; MELO, 2007; GOMES, 2008; SANTOS, 2008; GUZMAN, 2010). Os textos dos autores nortearam as atividades musicais desenvolvidas com o aluno SD, cujo foco pautou-se, principalmente em como incluí-lo no grupo de música. Tal indagação contribuiu para a reflexão

sobre a importância do preparo do professor de música para receber e incluir o alunos com SD na sala de aula.

Optou-se por trazer excertos dos diários de aula da professora, compartilhando as dificuldades enfrentadas pela professora e as alternativas metodológicas encontradas para incluí-lo juntamente com as outras crianças com desenvolvimento típico nos processo de aprendizagem musical.

Portanto, o presente trabalho procura ampliar os saberes sobre a Síndrome de Down, compreender a inclusão de alunos com deficiência no contexto escolar, trazendo em evidência, as possibilidades de inclusão e de aprendizagem musical de alunos com SD nas aulas de música.

Síndrome de Down

Considera-se que compreender as características da Síndrome de Down seja o primeiro passo para o docente que anseia relacionar-se com as práticas de ensino inclusivas. Através do conhecimento à cerca das questões genéticas e patológicas, é possível ao professor, preparar atividades que venham a estimular as crianças com SD, colaborando para a sua inclusão no meio escolar. É importante observar, que a criança com SD, aprende da mesma forma que uma criança com desenvolvimento típico, só que mais lentamente, como afirma Augusto (2011):

(...) ao observar com atenção está criança, veremos que o seu desenvolvimento é bem mais lento que o do bebê normal; porém, apesar de mais dependente, este bebê estará, também, trilhando no seu dia-a-dia, ainda que bem mais devagar que uma criança com desenvolvimento normal, as diversas fases e etapas do seu desenvolvimento (AUGUSTO, 2011, p.5).

A estimulação precoce também é indicada por Anhão (2009) que sugere que “os estímulos devem partir do nascimento a aproximadamente quatro anos de idade”. Após esse período de estimulação precoce, recomenda-se que a criança continue o seu desenvolvimento através da inclusão escolar. No caso do aluno com SD, tivemos o primeiro contato quando ele tinha quatorze anos, então não nos foi possível identificar se a estimulação precoce aconteceu antes do sua inserção da escola regular.

Práticas musicais com um aluno com Síndrome de Down

No ano de 2014, deu-se o primeiro contato com o aluno com SD, que será nomeado neste trabalho, como Paulo, a fim de preservar a identidade do mesmo. As aulas de música aconteciam na modalidade de atividade extracurricular, com periodicidade semanal e duração de 45 minutos. Nas turmas de Musicalização, Flauta I e Canto Coral, nas quais estava inserido o aluno com SD, haviam 12 alunos.

As cenas de sala de aula trazidas para o texto em formato de excertos, foi a opção encontrada para apresentar as atividades musicais realizadas com Paulo. Nelas se encontram as dificuldades enfrentadas pela educadora musical, e as alternativas metodológicas para incluí-lo juntamente com as outras crianças nos processo de aprendizagem musical.

Cena 1 - Paulo participa de todas as aulas e fica atento. Fiquei surpresa ao notar que ele possui uma boa memória e sabe cantar a maioria das músicas do repertório do Canto Coral. (Diário de Classe, outubro, 2014).

No que se refere à memória, Ravagnani (2009, p. 22) relata que “crianças com Síndrome de Down podem ter dificuldades em reter informações, tanto por limitações ao recebê-las e processá-las, como para consolidá-las e recuperá-las.” A autora recomenda então planejar estratégias de aprendizado que utilizem a memória visual para auxiliar a memória auditiva.

Na aula de Canto Coral, não eram manipuladas outros meios visuais, senão o uso da folha com as letras das músicas. Paulo tinha todas as folhas em sua pasta, mas não sabia ler as palavras, apenas repetia o que ouvia, ficando evidenciada a necessidade do apoio da voz do grupo de cantores para a sua memorização. As músicas trabalhadas na aula de Canto Coral apresentavam nível gradativo de dificuldade, sendo a maioria das músicas em português e com ritmos da MPB. Durante a aula, eram trabalhadas duas ou três músicas. Normalmente, uma música da aula anterior, e uma ou duas novas, dependendo o nível de dificuldade das mesmas.

Um exemplo, foi a música, “Era uma casa” de autoria de Toquinho e Vinícius de Moraes. Paulo adorava repetir essa música e ficava com a letra na mão, concentrado enquanto cantava. Observou-se que o aluno aprendia escutando e divertia-se com as demais crianças que o ajudavam a falar algumas palavras do texto que eram difíceis para ele. Como recomenda Lefèvre (1981, p. 109) (...) “a canção simples deve ser bastante estimulada, também lentamente, com palavras que sejam bem compreendidas”.

Cena 2 - Dentro do aquecimento vocal, apresentei diversos sons, objetivando a saúde e a estimulação vocal de Paulo e dos demais alunos. Foi então que percebi a dificuldade dele, em realizar sons como a vibração de língua e de lábio (*Bruuuu*) e com o som da consoante Z. Logo após as primeiras aulas, percebi que ele não falava e não cantava claramente, porque tinha a língua hipotônica. Às vezes, o aluno fica com a boca aberta por alguns segundos ou chupa o dedo polegar. [...] Mesmo com a dificuldade, Paulo repete todos os sons e se diverte cantando a música “Quando eu vou cantar”. Com o passar das aulas, percebi uma pequena melhora na fala. (Diário de classe, abril, 2014).

Inicialmente, não se sabia que Paulo tinha hipotonia na língua, e não trabalhava de forma atenta e ativa para estimular o aluno com exercícios de fortalecimento dos músculos da face. Por meio das leituras e pesquisas sobre o assunto, compreendeu-se a importância em realizar determinadas estimulações através da repetição efetiva da atividade relacionada à música “Quando eu vou cantar”. A canção, repete vários sons de animais, meios de transporte, sons do cotidiano e etc., e de forma divertida, as crianças brincam, aquecendo a voz.

Lefèvre (1981, p. 79) pontua que a língua da criança com SD (...) “custa para realizar as posições necessárias para emitir o *L, N, R, D, T*, que são sons em que ela deve ser colocada no céu da boca”. Observou-se que Paulo, além de ter dificuldade para realizar os sons citados por Lefèvre, também tinha dificuldades para realizar os sons *CH, S e Z* e, também, o estalar a língua e lábios. Através das brincadeiras utilizadas para o aquecimento vocal, notou-se a melhora na emissão de alguns sons, como o *Z*, por exemplo. Foram pequenas alterações, mas que poderiam ser ainda ampliadas, caso as atividades tivessem continuidade.

A evolução na fala de Paulo pode ser pontuada por Pueschel (1993, p. 243) que destaca “(...) as crianças com SD aprendem muito mais rapidamente quando a situação é alegre, divertida e significativa para elas”. Observou-se que a riqueza da experiência de Paulo, combinada com uma motivação positiva vindo das atividades, foi muito importante, não só para o aluno com SD, como também para as demais crianças, as quais a aprendizagem da linguagem não acontecia com facilidade. Portanto, acredita-se que através da canção “Quando eu vou cantar”, trabalhada de forma lúdica, mesmo que em pequena escala, foi possível colaborar para a melhor alguns aspectos da emissão da fala de Paulo.

Cena 3 - O Jogo da intensidade: Cada criança recebeu um lenço e deveria se movimentar no espaço ao som de uma música. Para essa atividade, escolheu-se o primeiro movimento “Allegro con brio”, da 5ª Sinfonia de Beethoven. Cada vez que a música ficava “piano”, as crianças deveriam abaixar o corpo e o lenço; quando a música caminhava para um “meio forte”, todos deveriam caminhar agachados, movimentando o lenço na mesma altura; e quando a música entrava no ápice com o “fortíssimo”, todos deveriam ficar em pé, movimentando o lenço. A atividade foi realizada duas vezes em semanas diferentes. Paulo, assim como as demais crianças, teve dificuldades para compreender e executar a atividade. Ao final, sentados e relaxados, as crianças puderam apreciar a música novamente, agora discutindo sobre os instrumentos e sobre a ideia central da obra. Na semana seguinte, repetiu-se a atividade com a mesma música. Dessa vez, a maioria realizou a atividade como se esperava. Paulo, porém, ainda não compreendeu as regras do jogo, continuava a andar e a balançar o lenço, sem preocupar-se com a intensidade da música, mas em contrapartida, atento ao que o grupo fazia e tentando reproduzir. (Diário de classe, novembro, 2014).

Segundo Lefèvre (1981, p. 75) “a criança precisa sentir e experimentar livremente seu corpo no espaço: rolar, movimentar braços e pernas, sentir todas as posições.” Mesmo que Paulo não tenha compreendido, ou talvez a brincadeira simplesmente não fizesse sentido para ele, sentiu-se parte do grupo e participou da sua maneira, realizando os movimentos que eram-lhe interessantes no momento. Pueschel (1993) defende que as situações de aprendizagem na escola devem emprestar à criança com SD uma sensação de identidade pessoal, auto respeito e prazer, oferecendo uma oportunidade para as crianças “envolverem-se em relacionamentos com os outros”. O jogo da intensidade contribuiu para que ocorresse o envolvimento de todos.

Durante o período de realização das atividades observou-se que Paulo tinha um bom relacionamento com todas as crianças e que o respeito era mútuo, resultando em atividades coletivas repletas de aprendizado e companheirismo.

Cena 4 - Geralmente na aula de Flauta Doce, Paulo senta ao meu lado para acompanhar a partitura comigo. Paulo não sabe ler notas, e como a sala está repleta de crianças, é difícil dar exclusiva atenção para ele. No entanto, Paulo sabe quando deve soprar e quando deve fazer pausa. (Diário de Classe, setembro, 2014).

A primeira questão relevante a destacar é a hipotonia que o aluno estava aprendendo a controlar. Observou-se, que Paulo ainda permanecia alguns momentos com a boca aberta ou com o polegar na boca, mas, gradualmente, esta prática estava ficando de lado. Com as aulas de Flauta Doce, o aluno estava sempre ocupado em manipular a mesma, treinando as notas que lhe eram possíveis e de certa forma, estimulando os músculos da face. Procurou-se respeitar o tempo do aluno, auxiliando-o a realizar algumas notas musicais, frisando, principalmente, o movimento de soprar. Conforme Lefèvre (1981, p. 80) “(...) convém assinalar que algumas atividades exigem que a língua fique dentro da boca: todo movimento de coordenação, como mastigar, soprar ou fazer caretas engraçadas requer que os lábios se juntem, levando, assim, a língua para o seu lugar.”

Ao final das aulas, quando todas as crianças se retiravam da sala, permitia-se que Paulo, tocasse a sua flauta por mais tempo, compreendendo que esta, era a melhor estimulação para o seu problema com a hipotonia, como destaca Lefèvre (1981, p. 125) “a articulação da língua é fator importante para o desenvolvimento da fala, assim como a respiração, que pode também ser exercitada no sopro e jogos respiratórios”. Observou-se que Paulo, ao longo das aulas, foi desenvolvendo a capacidade de soprar a flauta corretamente, e que a atividade colaborou para o desenvolvimento da musculatura da boca. Na parte Pedagógico-Musical, foi possível observar que além do cuidado que Paulo tinha para soprar a flauta de forma correta, ele estava sempre atento aos tempos da música.

Cena 5 - Antes de tocar uma música na flauta, foi apresentado um exercício com notas escritas no quadro. Em um dos exercícios para a turma de Flauta I, foi proposto um exercício com as notas SOL e LÁ; com as figuras de tempo: semínimas; no compasso: 4/4. Em seguida, cada criança sentou em uma cadeira à frente das demais, e através do pulso (1 e 2 e 3 e 4), batiam uma bola no chão. Nessa atividade, Paulo demonstrou muita concentração. Em alguns momentos, Paulo parou de bater a bola para olhar para os demais, que estavam tocando flauta, ou simplesmente, para segurar o óculos. Através dos vídeos, foi possível analisar, que igualmente a uma criança com desenvolvimento típico, alguns pulsos eram acelerados e fora do ritmo. Mas através do guia do pulso, Paulo voltava ao eixo rítmico. (Diário de classe, julho, 2014)

Em outras atividades com instrumentos musicais, Paulo também demonstrou ótimo senso rítmico. O aluno sempre apresentou preferência pelos instrumentos de percussão e desde a primeira aula, divertia-se compondo arranjos musicais com os amigos. Lefèvre (1981) destaca que:

(...) os jogos com ritmo devem ser introduzidos de forma atraente, com o trabalho de esquema corporal, auxiliando a atenção e a memória. Por exemplo duas batidas de tambor para que se marche devagar ou depressa. Batidas que exijam sentar ou dar um pulo. Mais tarde a própria criança poderá reproduzir os ritmos, com outro tambor, imitando batidas progressivamente mais complexas. (LEFÈVRE, 1981, p.109).

Da mesma forma, Pueschel (1993, p. 229) destaca que “(...)a música é uma forma maravilhosa de recreação, que pode ser um passatempo individual ou coletivo, e que muitas crianças com síndrome de Down tem ótimo senso rítmico.”

Cena 6 - As demais crianças também são importantes no processo de inclusão do aluno, pois elas ensinam como segurar e digitar as notas na flauta, a procurar a letra das músicas e se preocupam em incluir Paulo nas brincadeiras (Diário de classe, agosto, 2014).

Ao analisar as cenas das atividades desenvolvidas com os alunos, o que talvez chama mais a atenção é exatamente a cena 6, justamente por evidenciar as concepções de inclusão demonstradas pelo grupo, naturalmente. Como afirma Borges et al., (2012, p. 2) as contribuições

para o desenvolvimento cognitivo da criança com deficiência incluída, é justamente a “possibilidade de assegurar o direito de educação para todos”. Embora o projeto de Musicalização tenha acontecido em período extracurricular e apenas uma vez por semana, Paulo estava em um grupo que o recebia alegremente todas as quintas-feiras, sendo possível ao aluno aprender, ensinar, divertir-se e incluir-se.

Considerações Finais

Ao analisar o material audiovisual e o resgate das informações contidas nos diários de classe foi possível perceber que Paulo, assim como outra criança com desenvolvimento típico, tinha as suas facilidades e dificuldades para realizar as atividades musicais propostas. Fica evidenciado que a partir do momento em que a professora começa a se preparar para a incluir este aluno nas atividades de música, seja com a preparação de materiais visuais, organização das atividades, repetição sistemática das atividades, estimulação da fala através das brincadeiras cantadas, foi perceptível verificar o seu desenvolvimento cognitivo. Acredita-se que o trabalho de musicalização com Paulo colaborou para a sua inclusão no contexto escolar e que levá-lo a participar das atividades com os demais alunos contribuiu para o seu desenvolvimento.

Através do projeto de Musicalização realizado com a presença de um aluno com Síndrome de Down, considera-se que aplicar conteúdos musicais à crianças com SD é benéfico, observando-se a evolução da fala, da atenção e, principalmente, o fortalecimento dos vínculos sociais. Constatou-se que Paulo, passou do estágio de integrado para incluído, em que tanto a professora, como os demais alunos, o tinham como parte importante do grupo de Música.

Referências

ANDRADE, Rosangela Viana. *A Emergência da Expressão Comunicativa na Criança com Síndrome de Down*. Tese (Doutorado). Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, 2006.

ANHAO, Patrícia Páfaró Gomes. *Interação social de crianças com Síndrome de Down na educação infantil*. 88f. Dissertação (Mestrado) apresentada a Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto/USP – Área de Concentração: Saúde na Comunidade. Ribeirão Preto, 2009.

AUGUSTO, Maria Inês Couto. *As Possibilidades de Estimulação de Portadores da Síndrome de Down em Musicoterapia*. Meloteca, 2011.

BORGES, Maria Célia. PEREIRA, Helena de Ornellas Sivieri. AQUINO, Orlando Fernández. Inclusão versus Integração: A Problemática das Políticas e da Formação Docente. *Revista Iberoamericana de Educação*, UFTM, n. 59, v.3, p.1-11, 2012.

GARCIA, Eda do Carmo Pereira. Representações musicais de estudantes com síndrome de down: um estudo preliminar. In: XI ENCONTRO ANUAL DA ABEM, 2002, Natal. *Anais eletrônicos...* Natal, 8 a 11 out. 2002. p. 193 – 199. Disponível em: http://www.abemeducacaomusical.org.br/Masters/anais2002/ABEM_2002.pdf Acesso em: 20 jan. 2016.

GOMES, Carolina Chaves et al. Síndrome de Down e Música: estudo preliminar sobre as escolas privadas de Natal/RN. In: XVII ENCONTRO ANUAL DA ABEM, 2008, São Paulo. *Anais eletrônicos...* São Paulo, 8 a 11 out. 2008. Disponível em: <http://www.abemeducacaomusical.org.br/Masters/anais2008/020%20Carolina%20Chaves%20Gomes%20et%20alli%201.pdf> Acesso em: 20 jan. 2016.

GUZMÁN, Karla Maythé Figueroa. Síndrome de Down: desenvolvimento das habilidades musicais, motoras e de linguagem. In: XIX ENCONTRO ANUAL DA ABEM, 2010, Goiânia. *Anais eletrônicos...* Goiânia, 28 set. a 1 out. 2010, p. 2175 – 2182. Disponível em: http://www.abemeducacaomusical.org.br/Masters/anais2010/Anais_abem_2010.pdf Acesso em: 20 jan. 2016.

LEFÈVRE, Beatriz Helena; *Mongolismo: Orientação para Famílias*. 2ª Edição. São Paulo: Almed, 1981.

MELO, Isaac et al. Síndrome de Down e Música: Um encontro possível? In: XVI ENCONTRO ANUAL DA ABEM E CONGRESSO REGIONAL DA ISME NA AMÉRICA LATINA, 2007, Campo Grande. *Anais eletrônicos...* Campo Grande, 8 a 11 out. 2007. Disponível em:

http://www.abemeducacaomusical.org.br/Masters/anais2007/Data/html/pdf/art_s/S%C3%ADndrome%20de%20Down%20e%20M%C3%BAsica.pdf Acesso em: 20 jan. 2016.

MOREIRA, Lília MA. EL -HANI, Charbel N. GUSMAO, Fábio AF. A Síndrome de Down e sua Patogênese: Considerações Sobre o Determinismo Genético. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, Bahia, n.22, v2, p.96-9, 2000.

PUESCHEL, Siegfried; *Síndrome de Down*: Guia para pais e educadores. 9ª Edição. Campinas, SP: Papirus, 1993.

REIS, Alessandra Mara Gazel dos; COSTA, Antonio de Pádua Sales; CONCEIÇÃO, Thaynah Patrícia Borges. “Quem canta um canto avança um ponto”: o ensino da música como mediador do desenvolvimento e aprendizagem de crianças com Síndrome de Down. In: XII ENCONTRO ANUAL DA ABEM, 2003, Florianópolis. *Anais eletrônicos...* Florianópolis, 21 a 24 out. 2003. p. 29 – 32. Disponível em:
http://www.abemeducacaomusical.org.br/Masters/anais2003/ABEM_2003.pdf Acesso em: 20 jan. 2016.

RAVAGNANI, Anahi. *A Educação Musical de Crianças com Síndrome de Down em um Contexto de Interação Social*. Curitiba, 2009. 122f. Dissertação (Mestrado em Música) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná.

SANTOS, Priscila Fernandes de Oliveira. A educação musical e a Síndrome de Down. In: XVII ENCONTRO ANUAL DA ABEM, 2008, São Paulo. *Anais eletrônicos...* São Paulo, 8 a 11 out. 2008. Disponível em:
<http://www.abemeducacaomusical.org.br/Masters/anais2008/108%20Priscila%20Fernandes%20de%20Oliveira%20Santos.pdf> Acesso em: 20 jan. 2016.

STRATFORD, Brian. *Crescendo com a Síndrome de Down*. Brasília. Corde, 1997.